

TÓPICOS DA ENTREVISTA DE 04 DE MAIO DE 2009 (sem edição)

1963 – Formatura: encaminha-se para a gastroenterologia.

1964 – Curso Básico de Saúde Pública (R. das Marrecas) – obtém o 1º lugar.

1965/66 – Convite para formar a FEESP (Fundação Ensino Espe. Saúde Pública) - cadeira de Estatística.

1967/68 – Surge o primeiro Mestrado em Saúde Pública.

1970:

Início do ano: é demitido do cargo de Chefe do Departamento de Epidemiologia quando estava de férias. Ao retornar das férias e tomar conhecimento, pediu demissão da Fiocruz, embora já tivesse mulher e dois filhos.

Na época, também era professor da Escola de Ciências Médicas de Volta Redonda. Os colegas dessa faculdade lhe oferecem seus horários de aula, para melhorar sua renda.

Fez concurso para a UFF – Departamento de Saúde e Sociedade, disciplina de Epidemiologia. (O Prof. Achilles Scorzelli também fez concurso, para titular dessa disciplina).

Nesse momento, o departamento e seu campo de estágio se localizavam em São Gonçalo, na Praça Zé Garoto, em um Centro de Saúde do Estado.

1972:

Scorzelli trouxe o campo de estágio do departamento para Niterói, com o apoio do diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Mario Monteiro.

A Fundação Leão XIII cedeu um Centro Comunitário localizado na Vila Ipiranga (Fonseca).

Turmas de 15 alunos são transportadas em ônibus da Universidade.

Manhã: trabalho de campo. Tarde: seminários.

Os estudantes eram distribuídos entre os vários setores da Unidade (sob a forma de rodízio), além de atividades de educação em saúde e visitas domiciliares.

Parceria importante – D. Geralda – presidente da Associação de Moradores.

1975:

É o primeiro paraninfo do Departamento de Saúde e Sociedade.

Seu discurso é censurado pelo então Diretor do Centro de Ciências Médicas.

Aluísio Salles é o diretor da Faculdade de Medicina.

Envia um grupo para o Curso de Planejamento Familiar, em Cáli, organizado pela FEPAEM (Federação Pan Americana das Escolas Médicas), da qual ele também é presidente. Trata-se de estratégia de reação à Benfam.

1976:

Ocorre a primeira eleição direta para as prefeituras, após o golpe de 1964. Niterói elege Moreira Franco (posse em janeiro de 1977).

Seu programa de governo prevê destaque para a área social.

Busca aproximação com a UFF.

Ex-alunos e o reitor da UFF (Barreto Neto) o indicam para a Secretaria de Saúde

O vereador Carlos Bittencourt (?) convida-o a conversar com o novo prefeito, que lhe encomenda um plano básico para a saúde do município.

Naquela época, a Secretaria Municipal de Saúde administrava 3 cemitérios: Maruí, São Francisco e Itaipu. A rede saúde da cidade contava com:

- 1 Unidade de Saúde Municipal administrada em comodato pelo Estado – U.S. Rui Decnop, localizada ao lado do Centro Comunitário da Ilha da Conceição;
- Estado – CAS, Santa Rosa, Itaipu, São Francisco, Barreto, HEAL, Ary Parreiras;
- Inamps – HOF, PAM Araribóia, (CPN em construção).

Plano baseado nos debates promovidos pelo CEBES, na documentação preparatória de Alma-Ata. Convida Mario Dal Poz e Santinha (UERJ) para ajudar na redação do 1º Plano Municipal de Saúde de Niterói.

Propõe a criação de 16 unidades de saúde municipais, na periferia da cidade.

1977:

Toma posse como Secretário de Saúde e Promoção Social.

Institui o Conselho Municipal de Saúde e Promoção Social, com forte participação comunitária.

Associa-se à primeira dama, Celina Moreira Franco, em um programa de construção de creches na periferia da cidade

Obtém financiamento do FAZ (CEF), tradicionalmente voltado para a iniciativa privada, para a construção das unidades de saúde. Ao longo do mandato, consegue construir 5 ou 6 unidades: Santa Bárbara, Morro do Castro, Várzea das Moças ...

Luta pela municipalização dos cuidados básicos de saúde, retomando a unidade municipal sob comodato com o Estado e desencadeando discussão com o governo Faria Lima e o governo federal, principalmente quanto ao envio de medicamentos.

Propõe a unificação do sistema de saúde.

Dá grande ênfase à atenção primária à saúde.

Cria a carreira de sanitário nos quadros da SMS.

Cria a “delegação de função” para profissionais de nível elementar, criando os primeiros agentes comunitários e sofrendo grande oposição da corporação médica, que os denomina “médicos de proveta”.

Sérgio Arouca organiza o 1º Encontro Municipal do Setor Saúde (junto com o IBAM) e convida: Niterói (Tomassini), Campinas (Nelsão) e Londrina (Márcio Almeida).

Moreira Franco tem o mandato prorrogado por mais 2 anos.

1980 (julho):

Moreira passa para o PDS (sucessor da Arena).

Inicia-se uma perseguição aos principais quadros da gestão da saúde e às chefias de unidade.

Tomassini se recusa a exonerá-los e é, então, exonerado.

Assume o médico Mocarzel.

O projeto é destruído. Não se constroem as unidades de saúde restantes.

Aluísio Salles (presidente do Inamps) o convida para assumir a área de capacitação e atualização de recursos humanos.

Texto geral: Origem do Movimento Sanitário em Niterói – depoimento de Tomassini

Ele surge isoladamente, mas em um contexto no qual, eu como prof universitário tinha conhecimento de determinados movimentos nacionais e internacionais: a questão da Alma Ata, a questão dos Movimentos Populares da Saúde, organizados em parte pelo CEBES (Centro Brasileiro de Estudos da Saúde).

O movimento aqui em Niterói surge fundamentalmente a partir do processo de abertura democrática: fundamentalmente da oportunidade que tiveram os municípios, exceto os municípios das capitais de elegerem seus prefeitos, isso em 1975 ou 1976. E aqui em Niterói elege-se como prefeito Moreira Franco, do antigo PMDB(?), que era um governo de franca oposição ao governo central. Fundamentalmente com idéias mais avançadas, mais progressistas, no sentido de proporcionar uma certa tendência à democratização da Saúde, um processo que já vinha em luta por uma série de entidades no Brasil, como o CEBES com os Movimentos Populares pela Saúde, algumas experiências do próprio MS como o PIAS no norte fluminense, Montes Claros. Havia toda uma colocação da

necessidade de redemocratização. Principalmente porque os municípios eram em última instância aquele ponto da administração onde o poder está mais perto da população. O poder municipal é o poder mais concreto. O Estadual já não é tão concreto e o federal por sua vez é o mais abstrato nesse sentido.

Mas o processo que vivíamos desde 1964 era um processo duro de fechamento, concentração, de centralização de poder. Além disso havia um processo de redemocratização de um modo geral organizado por alguns intelectuais da área da saúde como o Arouca, o Nelson Rodrigues em Campinas e Márcio de Almeida de Londrina e tb se reuniam para discutir as questões da redemocratização do processo de saúde, isso antes de qualquer discussão nesse sentido aqui em Niterói.

Com a eleição de Moreira eu fui convidado para assumir a secretaria de saúde. É bom que se diga que eu não conhecia Moreira, eu não morava em Niterói, eu não votei no Moreira, agora, por outro lado, eu tive uma militância enquanto estudante muito chegada às ideias dele. Eu fui da Juventude Universitária Católica que deu origem à chamada Ação Popular (AP). Moreira Franco pertencia à AP.

Nessa época o presidente da UNE era Aldo Arante, hoje deputado federal pelo Pcdob.

Incetava-se aí toda a luta pelo processo de democratização em todos esses focos.

Moreira provavelmente sabia dessa minha história. Então ele me chama e pede que eu apresente as minhas ideias acerca da questão da saúde no município de Niterói por escrito. E eu venho com o princípio da necessidade da municipalização dos serviços de saúde. Eu achava que era fundamental porque o município era que conhecia mais a realidade da saúde de seus municípios, muito mais que o estado e muito mais que a União federal. Nós estavamos diante de uma lei que é a lei 6229 que institui o sistema nacional de saúde. Sistema esse que mantinha uma dicotomia muito clara entre os órgãos previdenciários que eram os órgãos que tinham a função de medicina curativa e o MS com as ações preventivas. Não havia um comando único. Quem tinha realmente dinheiro era a Previdência Social. Houve nessa época a união dos diferentes institutos de previdência formando um único instituto de previdência nacional. Nesse contexto achava-se que os municípios deveriam cuidar da parte de emergências, que eu considero algo mais complexo. Eu achava que o município devia assumir pelo menos no início as ações básicas de saúde conforme os princípios ditados em Alma Ata. Isso tudo foi exposto muito singularmente à Moreira. E Moreira então me chama para ser secretário de saúde dele. Mas para minha surpresa ao chegar três meses depois, essa secretaria de saúde não tinha nenhuma função de saúde propriamente dita. Ela possuía um centro social urbano na Ilha da Conceição, que tinha uma unidade de saúde, a unidade de saúde Rui Decnop, que tinha sido cedida em comodato à secretaria estadual de saúde. Então, eu convoco técnicos

mais ou menos dentro da minha orientação que eu busco na UERJ e aqui mesmo na UFF e agente elabora então o primeiro plano municipal de saúde.

Ao mesmo tempo, essa mesma linha de ação estava ocorrendo em Campinas e Londrina, e esse movimento que era um movimento organizado mas que não tinha propriamente um nome mas que estava organizado pelo Arouca (de Campinas mas era prof titular da ENSP), ele vai e nos convida para reunir esses três municípios. Assim ele agrupa esses três municípios que tinham ideias muito semelhantes e então começam a se organizar os primeiros encontros municipais do setor saúde. O primeiro encontro foi realizado em Campinas, era restrito à região sudeste. Como todos três eram secretários de partidos de prefeitos de partidos de oposição, a gente para descaracterizar um pouco esse caráter oposicionista que dificultaria a possibilidade de comparecimento dos demais municípios, a gente organizou esses encontros com a ajuda do IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal). O que a gente pleiteava fundamentalmente era a organização do serviço de atenção básica de saúde, através da construção e implantação de uma rede básica dos serviços de saúde, que organizamos no entorno do município, porque os serviços de saúde aqui existentes, tanto estadual quanto federal estavam todos no centro da cidade. A população periférica teria que vir ao centro para ser atendida. Então procuramos criar unidades de atendimento básico na periferia do município. Planejavamos construção de dezesseis unidades. Discutíamos qual era o papel do município no sistema nacional de saúde. Pleiteávamos um sistema que fosse único com comando único do MS. Pleiteávamos um aumento do repasse de verbas. É importante mencionarmos que o Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social tinha como prioridade na época o financiamento da iniciativa privada para aquisição de alta tecnologia na saúde numa total distorção do processo. Com muita luta, conseguimos financiamento do FAS para a construção de duas ou três unidades básicas: Santa Bárbara, Morro do Castro e que inclusive mereceu publicação na revista da Fundação Getúlio Vargas.

O segundo encontro foi aqui em Niterói onde ultrapassa a região sudeste, tendo a participação de municípios até da região nordeste. O intuito desses encontros era de difundir as ideias básicas de municipalização dos serviços de saúde.

Quando em 1980 eu saí da secretaria de saúde houve uma ruptura do nosso projeto. Na verdade, com a entrada de Brizola no PMDB, Moreira Franco fica enfraquecido. Eu me lembro dele me dizendo que estava cansado de ser oposição. Então ele vai tentar espaço em um partido governista. E muitos dos meus assessores foram para a Câmara na época gritar que Moreira era traidor. Era óbvia a discrepância entre os membros da secretaria e a atual base de Moreira. Então Moreira, pressionado, começa a me pedir cabeças e mais cabeças, até que chega um momento que eu digo que não dá mais para ceder e sou então exonerado.

Quem entra logo a seguir não dá qualquer seguimento ao que vinha sendo feito. Essa retomada se dará com o CONASP: Aloísio Sales, que era meu chefe no INAMPS cria as chamadas Ações Integradas na Saúde (AIS). E para tentar viabilizar as AIS em Niterói é que surge o Projeto Niterói.

Se entendermos que as AIS puderam ser primeiro instaladas em Niterói porque além da rede de assistência à saúde em nível secundário e terciário, o Sr. quando secretário cria uma rede de unidades básicas de atenção primária à saúde em nível municipal, e que as AIS permitiram o surgimento do SUDS e esse o do SUS, seria correto dizer que Niterói foi o berço do SUS?

De certa forma sim. Reuníamos aqui todas as condições para um processo integrado de saúde.

Acriação da Fundação Municipal de Saúde tinha como principal motivo facilitar a arrecadação de verbas, muito mais que qualquer função administrativa.

Diz que Gílson Cantarino O`Dwyer que fora presidente do Projeto Niterói se torna secretário municipal de saúde de Niterói e presidente de FMS concomitantemente, permitindo a total implantação dos ideais de descentralização, hierarquização e integralidade da saúde ficando a atenção primária à nível municipal e a secundária e terciária à nível estadual e federal.

A criação dos distritos sanitários em Niterói foi uma experiência fracassada?

Ela veio na filosofia da descentralização, mas durou apenas cinco anos por disputa de poder.

O Programa de Saúde da Família e a rede de 3 unidades básicas de saúde configurariam uma superposição de modelos?

Creio que sim. Fizemos, aqui no Instituto, um estudo sobre isso, mas foi um estudo pequeno e por cremos que estava inconclusivo, não foi sequer publicado.